

LUCINDA SIMÕES



Como justo preito de homenagem ao excepcional talento da brilhantíssima actriz que nos reaparece agora no theatro do Principe Real, a *Comedia Portugueza* consagra a sua primeira pagina. De ha muito que a primeira actriz portugueza de comedia, se tem furtado aos nossos applausos e ás manifestações da nossa sincera admiração. Folgamos de a ver reaparecer na scena portugueza tão necessitada dos recursos do seu talento privilegiado e lamentamos apenas que a distincta actriz não queira assentar, de vez, entre nós as suas arraízes, n'um theatro á altura de sua mente e mão e exercer a sua arte com verdadeiro intuito e representaria para a arte e para a cultura do povo portuguez.



O dia de finados, é entre nós o que ha e mais tristemente dosoladôr, e mais inexpressivo, a coisa de mais chata significação. Vive d'uma tradição, apagada successivamente pelo dezarrregar lento da crença, que degenerou n'um habito banal e por esta corrupção de costumes que abandalha a familia e desantifica o lar, transformando-o n'uma reunião occasional e fortuita.

D'ahi vem que o que parte da terra, leva como acompanhamento, em geral, a satisfação dos que ficam por se verem livre d'elles e já agora (á moda franceza) a substituir lagrimas e intimos soluços, uma colleção mais ou menos ridicula de corças funebres.

Fazer derivar o culto intimo da saudade, para o culto externo da corça ridicula que simula luctos e significa prantos, é fazer descer, entrar no dominio da especulação, da analyse publica, a parte mais nobre do coração, o sanctuario tres vezes sagrado da bondade, do amor, e da saudade.

E' preciso abolir, fazer morrer essa ultima comica importação estrangeira da corça funebre.

Nada mais banal, mais chato, mais ideota, do que mandar pôr sobre o caixão d'um morto, uma libra ou duas de lagrimas, representadas n'uma corça de violetas de panno de saudades de papelão ou de goivos de cera.

A falsidade da dôr ressumbrã na banalidade vulgar do objecto offerecido e ha alguma coisa de escarçeo para um cadaver em cercal-o de presentes falsos, de flores artificiaes, ciãgidas em arco ou enramadas em corça.

Quanto mais expressivo e leal não será, pregado na tãmpe d'um caixão um ramo de flores naturaes, simples, perfumadas, fazendo do perfume a voz do sentimento que alli as collocou?

E senão diga-me alguém (vem a proposito o facto) n'essa alluvião de corças offerecidas ao fallecido rei D. Luiz e expostas em reclame pomposo pelas montras da cidade, quem viu uma unica que tivesse a mais insignificante parcella de arte, a mais primitiva significação de sentimento?

Um typo fundamental, o circulo de violetas, de hera, de margaridas, de clematites, de rosas, de toda a casta de flores e de folhas, umas fitas pendentes, com instripções a ouro e eis tudo.

Tamanhas como a copa d'um chapéu ou grandes como a roda d'um carro e eis o ponto de discordancia d'estas debrebes e comicas peças de fancaria, armadas á confiada estupidez do maior numero, e creadas de certo no cerebro d'um gato pingado, em locubraciones, metaphisicas sobre a dôr!

A Corça funebre dá-me a impressão da dôr de encomenda, dôr que se fabrica para os olhos dos outros verem como um par de botas, ou como se arma um chapéu de senhora representativo do fino gosto da dona.

E foi assim que quando passou por deante de mim o feretro do rei Luiz, sob uma montanha de corças de todos os feitios e côres, emquanto a multidão anonyma pasmava do esplendor das fitas e da exuberancia das flores sahidas dos jardins e dos parques occultos das lojas de modas e dos logares de bijouterias, me occorreu ao espirito a ideia de que faziam ao cadaver, do rei o que lhe haviam feito em vida. O que? carregavam-no de falsos protestos, de affectos artificiaes, de enganosos preitos. Como na vida um conselho remedava a amizade dedicada, alli a folha de Flandres arremedava o ouro: como um beijo na mão semelhava o respeito, no prestito, eram de papelão ou de qualquer massa as folhagens, os ramos, as flores!

Na morte como na vida: envolvido na mentira, no artificio, na apparencia enganosa!

A verdadeira dôr tem o recato pudico das sensitivas retrahese no contacto do mundo externo: explana-se amplifica-se, avigora-se, no olhar, na analyse dos indifferentes? não é dôr é formula! não é dôr é comedia! Depois a flor artificial, por extremamente duradoura, dá-me ainda a nota seguinte d'um cynismo e egoismo revoltantes. Collocai-a sobre um tumulo; é como se dissesseis ao morto: meu amigo, se te trouxesse flores naturaes para amostrar a vitalidade da minha pena e magua saudosa teria de vir renoval-as de dois em dois dias; isso seria uma grande massada; fica-te com essas que durarão sempre lindas, emquanto se te desfaz a carcassa e em que toda a gente lerá a penitencia da minha saudade, na conservação da petala e na leitura das dedicatorias adjunctas.

Nada mais pelintra como significação de dôr, nada mais comico como demonstração de sentimento!

E' preciso abolir a corça funebre artificial, é preciso matar a nascença essa vaidade que começa a invadir o cerebro de todo o borguez rico — o de ir coroado para o tumulo! Eu sei que a realza sob qualquer forma fascina; mas será bom matar pelo ridiculo estas corações postumas, decepar pela gargalhada e pela satyra as cabeças cadavericas d'estes reis Bobeches da morte.

Tudo isto a propósito do dia de finados, entre nós. A demonstração de respeito da população resume-se no ahndarem pelas igrejas as damas em lucto fazendo visitas. E' o termo: visitar as egrejas. Não é bem as egrejas é os santos, creio eu. Entram: mesura para aqui, mesura para alli, como quem diz: Senhor S. Francisco passasse muito bem; como está vossencia sr. S. Paulo; Ex.^{ma} sr.^a das Mercês tenha vossa excellencia muito bons dias. Ajoelham um bocadito a observar as toilettes das visinhas, riem á socapa d'um laço ou d'um chapéu, benzem-se levantam-se concertando o tournure e ellas ahi vão para a igreja immediata renovar estas piedosas praticas em favor das almas dos parentes ou amigos que aquella hora jazem nas penas do púrgatorio.

Que felizes almas e como ellas não agradecerão a Deus o ter-lhes concedido na terra a graça de taes parentes.

Ao cemiterio ninguem vae. A romaria piedosa até ao lugar onde jaz a pessoa querida, d'uma alta significação moral e educativa não existe entre nós. Temos o maior desprezo pelos mortos: um nosso adagio popular injuria até o cadaver n'um dispaudio inconcebível. Não se pode citar.

A religião catholica fez do cemiterio um lugar sinistro do morto um motivo d'horror, creou a lenda lugubre, o horror da morte. Fugimos do cemiterio. Lá fóra o dia de finados é o dia consagrado aos mortos: visitam-nos, levam-lhes flores. Fazem-se enormes romarias piedosas.



Entre nós as manifestações limitam-se aos actos apontados da parte feminina da população; a masculina, na maioria, é composta de espiritos fortes, de homens superiores para quem estas banalidades são innocitaveis.



Ha porem uma individualidade collectiva que salva, nos paizes como o nosso, o bom nome da patria ante a critica dos estranhos.

E' o governo. Esse camaleão constitucional de seté cabeças e quatorze pernas tem na mão o grande remedio.

Faz-se parente de todos os mortos; arroga a si o dever de todos os sentimentos individuaes e prohibe os espectaculos publicos!

Decreta o aborrecimento, decteta a unção; decreta a lúgrima!

Os mortos devem ter uma grande veneração por esta collectividade, que assim os hongeia. E tem-na decerto: é por isso que, nas eleições, muitos d'elles, agradecidos, vem votar com os governos:

Isto vae muito triste e se vou agora a desfiar o discurso do nosso rico patriarcha á beira tumulo d'El-Rei D. Luiz, não saio n'esta chronica dos logares bentos.

Salva me d'este desaire o «debute» de Giuseppina Pasqua em S. Carlos. Não porque eu vá fallar da grande cantora mas porque o apparecimento de Pasqua á luz da ribalta, arrancou a um excentrico poeta de ha muito, diz-se, acorrentado ao carro triumphador da Deusa, tres oitavas de versos que valem bem trez oitavas de sementes ou mais.

Assim, em papel córado, formato oito e razoavel impressão elle pretendeu metter o nosso espirito e a nossa voz no córo de louvores que como é de uso em magicas precedem á entrada das fadas.

Ouçamol-o.

Quando chega o frio inverno,
Perde as folhas o arvoredo
P'ra mais tarde vivo e ledó,
Folhas novás revestir;

E' um bonito começo. O poeta, porem, devia especificar, em nota, qual o arvoredo que perde a folha; aliás arrisca-se a calunniar muitas arvores respeitaves, como a oliveira e o loureiro arvore esta tanto mais digna de respeito quanto é certo ser de suas folhas a corça que j á hoje lhe engrinalda a frente e o gosto que lhe sabe em casa no refogado.

Continua o poeta:

'Scuro é o ceu quando está abaixo
Do horizonte o astro dia

Ha de permittir nos, esta observação luminosa não é sua, é de Schakspeare!

Mas depois mãe da alegria
Rosea aurora vem surgir.

Não duvidamos d- que a rosea aurora seja a mãe da alegria; mas, caro poeta, ha de confessar connosco que a sua Musa não lhe fica atraz: se não é a mãe é com certeza a avó.

Sigamol-o:

Tambem tu, da scena e canto
'Strella egregia, respland'ente,
Volves inda a lusa gente
Com teus dotes a aditar;
Que mer'cemos tal fineza
Te dizia o preto antigo,
Com que viste um povo amigo
O teu merito acclamar.

N'esta formosa oitava estabelece a comparação que ficou pendente da 1.^a oitava. E' deliciosa: Assim como o arvoredo depois do inverno vivo e ledó se reveste de folhas; assim como depois da noite vem a aurora, assim depois de andar lá por fóra, por onde quiz, a sr.^a Pasqua volta ainda a aditar a lusa gente com seus dotes!

Um conto rapiao





Por 2 decilitros

Por 500^{rs}



Por obediencia PARTICIPARIA.



Por MEIA LIBRA



Por 1000^{rs}

IVILLO



Como a gente se sente aditada! e que lindo verbo este é!

O poeta, porém, sente que merecemos a fineza de Pasqua, porque a applaudimos.

Era mais bonito não fallar nos favores.

A oitava final:

Hoje aqui as mesmas festas,
Tanto e tal contentamento.
Mostram claro o sentimento,
Nosso amor, satisfação.
É justiça, e isto nos honra;
E a ti nobre e egregia artista
Grato seja da conquista
Colher glorias, galardão.

Isto é um rapto de lirismo para cujo auctor se podia muito bem abrir a porta do Limoeiro, como para o auctor do rapto de qualquer Maria José menor de 18 annos.

Conhecem as festas provincianas, dos santos? Conhecem as lóas que os anjos deitam dos cavallos abaixo de trinta

em trinta passos; para o grupo dos campones embasbacados, com o braço direito a levantar-se e baixar-se como o d'uma louva-a-Deus, n'uma cantilena monotona?

Pois esta oitava se não tem a desgraça de rimar satisfação com galardão era uma lóa da mais pura agua.

Eu exemplifico, adoptando a oitava.

Eis uma lóa pura:

Hoje aqui as mesmas festas,
Tanto e tal contentamento
Mostram claro sentimento
Nosso amor, satisfação,
Vimos á festa senhora,
Pedir graças e agora
Diga o povo em altas vozes:
Viva a Senhora da Saude!

Hein?

Mais um bocadinho de inspiração e o poeta tinha achado o veio popular.

Que Deus dê paciencia aos artistas.



incrível a quantidade de Egerias, que se tem apresentado ao novo Numa dos lusitanos, para lhe inspirarem conselho sobre coisas da governança publica.

O sr. D. Carlos quasi que não tem tempo disponivel para cumprir os seus deveres de dono de casa e de esposo; tal é a quantidade de sujeitos que lhe entram pela casa dentro, a impingirem-se-lhe como espiritos-santos d'orelha!

Algumas Egerias são deveras curiosas!

O *Diario Popular*, por exemplo, aconselha o sr. D. Carlos firmeza de pulso no menear o conhecido leme do Estado, e insinua-lhe que dê importancia apenas a dois partidos politicos, — coisa indispensavel para a rotaçao do poder, etc. E ao mesmo tempo a *Egeria* do largo de S. Roque, falla no plural, vae dizendo em tom de quem sente o rei na barriga, que *não devemos consentir patrulhas ambiciosas,...* que *não queremos ambições do poder simplesmente pelo poder, etc.*

Este modo de fallar no plural lembra-nos o caso de um alto magistrado portuguez, que dirigindo-se a um continuo do ministerio da justiça, a quem fez uma pergunta relativa a certo juiz, teve como resposta:

— «Bem, bem sei; nós já mandámos uma portaria a esse juiz, pedindo explicações do seu procedimento»

A *Egeria* da rua nova do Almada, n'aquelle seu estylo de cacete transmontano que já uma vez o levou á gloria, vae dizendo ao novo monarcha:

— «Vossa magestade é boa pessoa, á primeira vista pouco communicativa, mas no fundo um coração de ouro. Vossa magestade, porém, não conhece os homens de hoje: Isto só vae á virga-ferrea. Não se fie no parlamentarismo, que é uma leria bem sédiça. Ande vossa magestade sempre commigo a seu lado, que eu lhe prometto que havemos de varrer muitas vezes a feira das velleidades e das ambições. A quem se fizer fino vamos-lhe ao pello, sem considerações de nenhuma especie».

A derrota soffrida pelo partido do largo das Duas Igrejas lançou esse partido nos braços patrioticos da *Associação «Primeiro de Dezembro»*, e respectiva phylarmouica.

A sua *Egeria*, que dá tambem pelo arrezvado nome de *Esquerda Dynastica*, lembra ao monarcha a crise agricola «que em poucos annos pode aturar para as ra-

cas americanas (esta classificação escapou ao sr. de Quatrefages) os seus braços mais laboriosos e transformar em desesperadora miseria as suas maiores riquezas».

A dia Egeria, não se atrevendo, por modestia, a aconselhar o novo rei, para bem ou para mal, diz lhe muito emphaticamente e *miguelosoriamente* que «a historia, o alchimista glorioso, transformou em saphiras quantas gottas d'agua espadanaram do mar sobre a nossa bandeira, n'uma odyssea de seis mil leguas, o que faz com que a corôa d'El-Rei seja tão pesada e tambem tão gloriosa!»

Esta illação é que nos custou a perceber!

Já no Medico à Força o astuto Sganarello, fazendo o diagnostico da doença diz:

*Cabrities domine orum
Dominus tecum q̄blajivō
Sunj rachante pinherorum
Humores infinitivō*

*Ora aqui está a rasão
Porque a menina está muda!*

Esta conclusão parece-se muito com o da *Esquerda Dynastica*.

Venha de lá o hymno jesuino!

A um official do exercito, que ha pouco regressou de uma commissão de serviço, em Africa, foi lhe exigido pagamento de direitos pelo despacho da sua espada (d'elle), revolver e carabina!

Aqui está um meio engenhoso de pejar as arcas do thesouro e que tomamos a liberdade de lembrar á futura commissão de fazenda: — tornar aquella medida extensiva a todos os officiaes e praças, que regressarem do arduo serviço do ultramar!

E quando um regimento qualquer, vier fazer serviço em Lisboa, os soldados deverão pagar *direitos de consumo* pelas espingardas que trouxerem consigo, bem como os officiaes pelos espadins e bolsas de viagem, da ordenança.

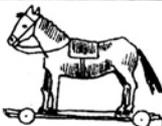
Theatros

Uma semana repleta de novidades e de sensações no nosso theatro lyrico. Nada menos de trez estreias: a do soprano ligeiro sr.^a Emilia Corsi e as do tenor Aramburo e baritino Menotti, e as reaparições de Giuseppina Pasqua e de Antonio d'Andrade.

Vamos pela ordem das operas em que esses artistas figuram.

Temos primeiro a *Favorita*. N'esta opera não é preciso fallarmos da nossa tão applaudida Pasqua. E' bem conhecido o seu magistral desempenho, que merece sempre as mais calorosas ovações, tributo de homenagem, aliás justissimo, á grande cantora.

O clow da noite era o sr. Aramburo, um tenor que vinha precidido de muita fama, o que de nada lhe valeu... porque não ag. adou. Aramburo tem uma bella voz, mas não sabe fazer uso d'ella. Ouvil-o cantar produz um des-



norteamento completo; o espectador assiste como que a uma scena de *cabriolas vocaes*, que estonteia o cerebro mais resistente.

O que elle fez na *Favorita* é indescriptivel. Tão depressa nos enthusiasmava com umas esplendidas notas como nos fazia arripiar com uns berros insupportaveis!

Os seus admiradores dizem que elle soffre de *intermittencias de canto*, e que é um grande tenor... quando está de maré. Achai os simplesmente enghosos este *reclame*... em favor da empresa do theatro, que é a unica a ganhar com elle. O artista de certo que não. Não acreditamos que um cantor sinta prazer em ser desfeitado durante muitas noites para ser applaudido em poucas. A empresa, porém, é que pôde tirar muito partido d'essa *lenda*, que lhe encherá o theatro de *sebastianians* lyric-s sempre que ella annunciar opera em que entre o sr. Aramburo.

E d'ahi talvez que estejamos em erro, e que realmente o sr. Aramburo seja capaz de nos dar uma noite de arrebatamentos enthusiasicos. E n'esse caso... quem nos déra poder advinhar quando será essa feliz noite!

No *Rigoletto* tivemos a estreia de Emilia Corsi, soprano de meio character, e a do barytono Menotti.

Emilia Corsi é uma cantora notavel, apesar da sua pouca idade. Voz fresca, bem trimbada, extensa e volumosa; primoroso methodo de canto; figura gentil e extremamente sympathica. Uma creança muito intelligente á de excepcional talento! A não ser pelas celebridades lyricas, nunca ouvimos a parte de *Gilda* tão bem cantada e com uma interpretação tão finamente artistica, como pela sr.^a Emilia Corsi, que a platéa de S. Carlos festejou com uma calorosa e bem merecida ovação.

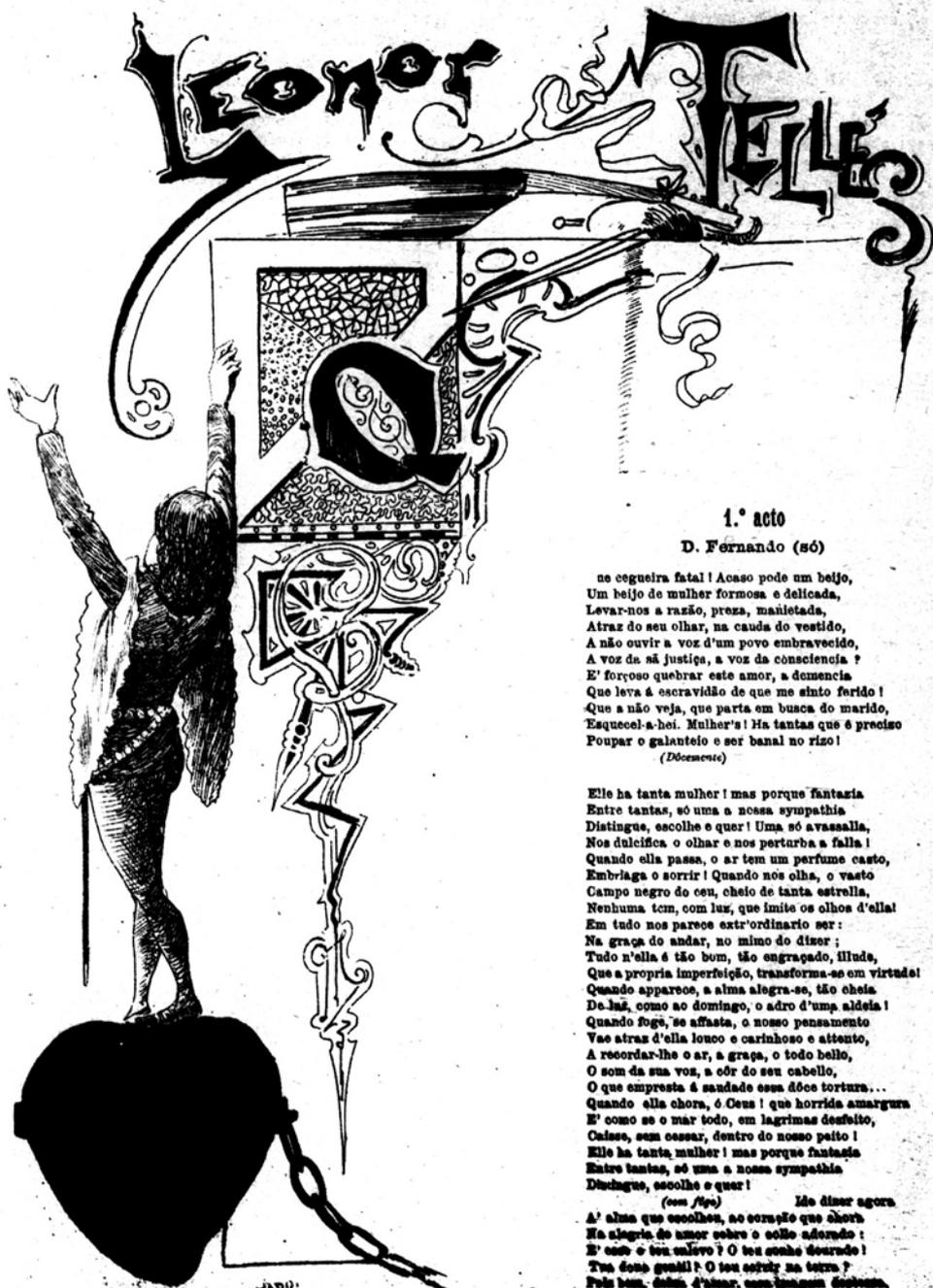
O barytono Menotti, que tambem se estreiou no pape l de *Rigoletto*, é um bom artista, se bem que um pouco desigual. Teve momentos de feliz interpretação artistica e outros de sensivel decadencia. A voz é desagradavel e pouco extensa, defeitos que elle pretende supprir com o recurso de *scelles* já bastante conhecidas; declama em vez de cantar, quando a deficiência de voz não lhe permittc largos commettimentos.

Não vae, pois, em maré de rosas a empresa de S. Carlos com as suas grandes *celebridades* lyricas, visto que ellas lhe fulham nos momentos mais criticos... E mau é quando o publico começa a perceber que as *celebridades* são muito vulgares e tem de voltar para casa... com enthusiasmos recolhidos. O abuso d'esse mal pode provocar explosões desagradaveis.

Por convite especial da empresa e para lhe aplanar difficuldades insuperaveis, o tenor Antonio d'Andrade accitou uma escriptura temporaria para tomar parte n'algumas recitas. A primeira d'estas recitas foi a do *Rigoletto*. A sua entrada em scena foi festejada com uma prolongada salva de palmas. Escusado será affirmar que elle cantou primorosamente e que representou com a mais subida distincção, como excellente artista que é.

Antonio d'Andrade não é uma *celebridade*... extrangeira; por isso alguns collegas nossos tiveram o mau gosto de metter a ridiculo a sua reaparição em S. Carlos. E assim devia ser, afinal. Se Antonio d'Andrade tem a *infelicidade* de ser portuguez, seria bastante conhecedor para saber que não ha meio de lutar aquí contra a inveja e o despeito dos mediocres. O seu bello talento artistico deu-lhe uma brilhante reputação no extrangeiro, e é isso o que o prejudica muito n'este miseravel paiz, que é patria sua.

E' uma triste consolação... mas não tem remedio senão accceita-la, porque é a maior que lhe podem dar... a educação e os sentimentos patrioticos dos seus conterraneos.



1.º acto

D. Fernando (só)

ne cegueira fatal! Acaso pode um beijo,
Um beijo de mulher formosa e delicada,
Levar-nos a razão, preza, manietada,
Atraz do seu olhar, na cauda do vestido,
A não ouvir a voz d'um povo embravecido,
A voz da má justiça, a voz da consciéncia?
E' forçoso quebrar este amor, a demencia
Que leva á escravidão de que me sinto ferido!
Que a não veja, que parta em busca do marido,
Esquece-la-hai. Mulher's! Ha tantas que á preciso
Poupar o galanteio e ser banal no riso!

(Dómente)

Elle ha tanta mulher! mas porque fantasia
Entre tantas, só uma a nossa sympathia
Distingue, escolhe e quer! Uma só avassalla,
Nos dulcifica o olhar e nos perturba a falla!
Quando ella passa, o ar tem um perfume casto,
Embraga o sorriso! Quando nós olha, o vasto
Campo negro do céu, cheio de tanta estrella,
Nenhuma tem, com luz, que limite os olhos d'ella!
Em tudo nos parece extr'ordinário ser:
Na graça do andar, no mimo do dizer;
Tudo n'ella é tão bom, tão engrapado, illudo,
Que a propria imperfeição, transforma-se em virtude!
Quando apparece, a alma alegre-se, tão cheia
De-lá, como ao domingo, o adro d'uma aldeia!
Quando foge, se affasta, o nosso pensamento
Vae atraz d'ella louco e carinhoso e attento,
A recordar-lhe o ar, a graça, o todo bello,
O som da sua voz, a cor do seu cabello,
O que empresta á mandado essa dôce tortura...
Quando ella chora, ó Deus! que horrída amargura
E' como se o mar todo, em lagrimas desfilo,
Caísse, sem cessar, dentro do nosso peito!
Elle ha tanta mulher! mas porque fantasia
Entre tantas, só uma a nossa sympathia
Distingue, escolhe e quer!

(com fôjo)

Ela diz agora

A' alma que escolheu, ao coração que achora
Ha alegria de amor sobre o collo adorado:
E' casto e teu calviro? O teu sonho dourado!
Tua dôce gentil? O teu cotovil na terra?
Fôjo bom, d'elles d'amar, com longas floquias,
Faz de coração e t'arruagem t'arruagem
Cada a mulher bonita é mulher que achora!

MARCELLINO MESQUITA

EMILIA CORSI



Escolhemos hoje o retrato d'esta formosa cantora para illustrar a galeria artistica do nosso jornal, como preito de homenagem ao seu esplendido talento, ao seu incontestavel merito, que o publico de S. Carlos teve occasião de apreciar, não ha muitos dias ainda, quando ella se estreoou no papel de *Gilda*, do *Rigoletto*, o delicioso *partito* de Verdi.

Emilia Corsi é um supremo de meio caracter que se pôde considerar já de primeira ordem, apesar da sua pouca idade. É filha de tenor Achilles Corsi, de que todos ainda nos recordamos com saudade pelas deliciosas noites que elle nos fez passar em S. Carlos com o seu excellentes methodo de cantar.

Achilles Corsi tem sido o professor dedicada e cuidadoso da sua filha. Não é para admirar, pois, que ella se use de todos os seus segredos, para ensinar a cantar. Possuidora de um magifico orgão vocal e de uma intelligencia musical, Emilia Corsi não se contenta com a parte de mezzo-soprano, e considera hoje, e com justiza, a sua voz, e não a sua idade, como o seu maior merito. É verdadeiramente artista, Emilia Corsi será de agora em diante, sempre, a nossa gloria. A Comedia Portuguesa, depondo aos pés da gentil cantora a sua modesta coroa de louro, repete-lhe a' sua vez os seus entusiasticos applausos e os seus brados mais sinceros!



Compoz-se o ministerio.

Depois de multiplass suggestões das mais graves ás mais patasugas, o anel do presidente de conselho agarrou finalmente dois bravos, promptos a sacrificarem-se á disciplina do partido, ao interesse commum da santa causa.

Pareceu-nos a nós profanos na piga joga dos partidos que mais uma vez o illustre partido progressista quebrou a tradição gloriosa do seu passado. Assim é que tendo ministros de ida e volta como o sr. Henrique de Macedo tendo descoberto esta raridade de governantes, na primeira occasião despreza á invicção feliz e esquece que tinha deixado as pastas, inda ha pouco, os srs. Marianno e Navarro. Ora como qualquer d'estes seuhores está acima do primeiro como individualidade politica, não se percebe como foram esquecidos para a reintegração de poderes.

Sentiram-se os illustres parlamentares d'esta injustiça e a prova é que acabo de lér. hoje mesmo, dia da recomposição: *Parte para o Luso o sr. Emygdio Navarro: Parte para Paris o sr. Marianno de Carvalho.*

E agora se vier uma crise no partido, chamem nos á pressa que elles hão-de vir a correr!

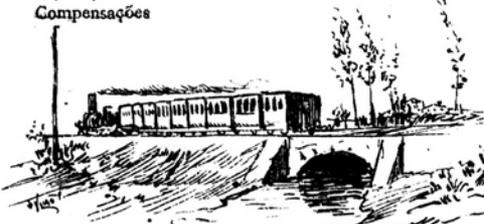
Bem feito, senhores.

Mas a nota mais curiosa é a de ficar firme o ministro Beirão, depois de posto na rua pela votação da segunda cidade do reino.

Mas fica e fica para demonstrar que isto de vontade popular, mesmo quando se manifeste não tem valor algum, entre nós. Pura leria.

Resta-nos a consolação que, em breve, visto o ministerio estar composto, não faltará quem o descomponha e com justiça.

Compensações



«Com o ordenado annual de 180.000 réis está a concurso a cadeira de ensino elemental e complementar do sexo femenino de Ancião».

Ha um pais que não tem vergonha de que lá fóra se veja que offerece a um professor quatrocentos e noventa réis por dia para reger uma cadeira. E que concluem que se se offerecem é porque póde haver quem os accete.

Decididamente a mocidade feminina de Ancião deve apprender lindamente a conhecer... o jejum.



Dizem os jornaes que sua eminencia o cardeal patriarcha vai brevemente para Santarem.

Sua eminencia vai naturalmente penitenciar-se e saber do concelho da faculdade theologica se disse asneira, quando n'aquelle jámais esquecido discurso, comparou D. Luiz 1.º á mulher adúltera.

É natural que a faculdade responda que sim. A argumentação theologica é terrivel e um patriarcha deve ter uns tantos ávos da infalibilidade d'um papa.

Que os ares da velha cidade e os passeios do corredór, nobre do seminario, arejem a mioleira de sua patasuga emminencia.

Oremus!

Um jornal noticiou o caso de uma encommenda de doce, vinda do Algarve, e que sahiu da alfandega com dois kilos de menos.

Mais infelizes fomos nós, uma vez que nos mandaram uma encommenda de tres ceiras de figos.

As ceiras chegaram effectivamente, mas... com pedras dentro!



Os comboios de cintura da cidade continuam a amachucar homens e carroças. Não ha dia em que não haja desastre. Como não servem para andar depressa, nem chegar á hora, ao menos tornam-se notaveis por isto. A companhia resolveu tirar as cancellas visto que não tendo utilidade alguma e não se recommendando como motivos d'ornamentação, pejam as estradas.

Muito boa ideia.

Muito interessante a polemica travada entre as gazetas de caracter politico, a respeito da famosa contradação da recomposição ministerial, de grotesca memoria.

O estadista da rua nova do Almada tinha apregoado *urbi et orbi* a entrada de dois publicistas de vulto para a pasta da fazenda e da marinha.

A *completação*, porém do ministerio não poderia ser levada a effeito sem ser ouvido, sobre o caso, o *grande homem* do Porto. Era essa, pelo menos, a opinião de quem pádeja no forno ministerial. Um dos publicistas amou, *prende*u o *burinho*, como se diz em linguagem familiar, e o outro, imitando o exemplo do *menino n.º um*, amou também, dando o dito pelo não dito.

Não se conhece exemplo mais classico de abnegação politica, desprezo pelos agaloados da farda ministerial, e, acima de tudo, lealdade partidaria.



O mais engraçado é o pontapé que o estadista da rua nova do Almada applicou no *sacrum* do *grande homem* do Porto. Assim, dando conta da volta do sr. Correia de Barros para o Porto, depois dos conselhos d'este *enorme vulto* da politica sobre o laborioso parto da recomposição, diz que o sr. Correia de Barros ficará de hoje em diante sendo *Correia de Bórras*, unica vantagem que elle ganhou com a sua vinda a Lisboa.

Epilogo: O trocadiho — *Correia de Bórras* — foi inventado pelo poeta Guerra Junqueiro, quando em tempos passados se *entretinha* a jogar piparotes no nariz do galopim-mór da invicta. O estadista da rua nova do Almada cita o auctor do trocadiho que por seu turno *acode* pressuroso á chamada com a seguinte epistola;

«Meu caro sr. redactor.—Vejo o me u nome citado nas *Novidades* de hontem a propósito da troca da duas vogaes n'um appellido, innocentissima brincadeira de momento, sem o mais leve intuito de agravar por qualquer fórma o cavalheiro a quem ella se refere.

«Pesa-me o achar-me envolvido, embora accidentalmente, n'esse mixiforio tão comico, tão inútil e tão indecifrável de saber se o sr. Correia de Barros foi chamado, se foi ouvido ou não foi ouvido, se o ouviram antes, se o ouviram depois, se vão ouvil o esta tarde, p'ra semana, no mez que chega ou no anno que entra.

«Declare que me é absolutamente indifferente que o ouvissem ou não ouvissem sobre recomposições ou reconstrucções, sobre saidas ou entradas, sobre *desdobramentos* ou *embrulhamentos*, sobre a triplice allança ou sobre as eleições de Paredes, sobre o equilibrio do universo ou sobre a junça geral do seu districto.

«E de resto, os *senhores*, para acabar de vez com tanta *besbilhoite* e *mexerico*, o melhor é chegarem a um accordo. Assentem, por exemplo, em que o sr. Correia de Barros foi chamado a Lisboa pelo ministerio, unicamente para dar a sua vallosa opinião sobre a morte de D. Ignaz de Castro, e acabou-se com tudo, não se falla mais n'isso. Que lhe parece?»

SyC — 11 de novembro de 1889.

Guerra Junqueiro.

Tem graça... mas achamos que é talvez um pouco forte a historia da opinião sobre a morte de D. Ignaz de Castro. E d'hi, talvez que não seja.

Exemplo de mais invejada citaraçagem politica, não se conhece em toda a vasta historia de genero humano!

Um prelado portuguez permittiu-se a liberdade de escrever a uma dama do alto mundo, lamentando não a ter ouvido de confissão, não se compromettendo a salvar-lhe a alma, se a dama em questão não viesse na proxima quaresma despejar o profumado saqueto dos peccadinhos, para gloria de Deus nas alturas.



Se pegam todos os sacerdotes a corresponder-se epistolarmente com as suas ovelhas (machos áparte) bem podem os maridos arbitrar mais uma verba no rol das despesas domesticas... para papel e sobrescriptos.

Papel para o serviço divino de certo que ha de ser do mais caro; attentas as exigencias de pompa com que a Madre Igreja se impõe ás almas.



Extranhou certo periodico que uma caterva de *manos* tomasse posse da directoria, da secretaria, e do professorado de uma escola da Figueira da Foz.

N'um paiz em que todos os compadres disfructam os melhores empregos do Estado, não é de admirar que os *manos* de uma familia distribuam entre si as lambugens de uma escola industrial de provincia.

Que diabo! Mais indulgencia... para os *manos*!



Duas realeças.

Quando morreu El-Rei D. Luiz, causou entre nós espanto que lhe fossem offercidas duzentas e tantas coroas. Morreu em Paris o dr. Ricord, e sabem os *senhores* quantos d'estes objectos lhe collocaram sobre o tumulo? Pertó de duas mil.

Que differença faz, n'este seculo, perante a veneração humana, o saber abrir um parlamento, ou saber abrir um tumór!

O positivismo esmaga-nos.



D. LUIZ NO CÉU



— Luiz! Nosso querido filho! Nós te abençoamos. Teus peccados fôram já absolvidos pelo Santo Padre, nosso representante na terra. Tu foste bom, fizeste sempre bem aos pobres, ás creancinhas orphãs e ás viúvas. Nós te abençoamos, Luiz! Nós te abençoamos, filho...

— Senhor! Meu Deus! Pela Vossa Misericordia Infinita guiae o coração de meu filho Carlos! Fazei-o amado e querido do seu povo, abençoae o seu reinado. Senhor! Senhor! Abençoae o povo portuguez, fazei-o feliz, livrae-o da peste, fome e guerra... Senhor! Senhor! Abençoae Maria Pia, minha extremosa esposa e o meu querido filho Afonso...

Como o leitor vê houve um reporter no Porto que conseguiu mais do que aquelle santo que chegou até ao ultimo céu. O pobre do santo quando desceu á terra teve d'estas exclamações: *Eu não posso contar por tão sublime, o que os meus olhos viram e os meus ouvidos ouviram! Ficou aparvalhado, o pobre santo e teve a ingenuidade de o confessar.*

O reporter portuense mais fino, chegou pelo que se vê até ao oitavo céu, e em tão completo socego de espirito que tirou a carteira e pôz-se a ouvir o cavaco do Padre Eterno com D. Luiz I. Era pelo que se vê tambem pintor e teve a graciosa lembrança de tirar os croquis da Santissima Trindade. Muito valiosos porque são os ultimos. A pomba paira rigida e carrancuda so-mira e está fazendo a um anjo alentado, armado de palma, um signal com a mão direita, que elle anjo parece indicar ao rei, mas que este, embobido na conversa e contemplação do pai, não percebe. O reporter não explica o sentido d'esta scena muda.

D. Luiz rejuvenesceu. Tem menos 20 annos, usa bigode e mocha e está muito desfigurado.

Isto passa-se nas nuvens, onde voam anjos, um dos quaes—o 2.º do lado direito do quadro—parece o Santos Pitorra. Deve ser 'El-Rei protegia os actores, e é pena que o desenhador não fin-gisse entrar no co njuncto, mais alguns artistas celebres, como o Taxco ou o Antonio Pedro, que decerto não teriam faltado ao signal do contraregra celeste quando El-Rei entrasse em scena.

De resto, uma surpresa, uma linda composição, um encanto, como Vossas Senhorias estão vendo, e que nós não quizemos furtar á admiração dos nossos assignantes, que por ventura o não vissem.



Príncipe Real. — Lucinda Simões, continúa a gosar n'este theatro dos applausos que lhe merece a superior nter petração do *Demi Monde*, de Alexandre Dumas.

A critica mais uma vez se tem levantado em preitos carosos á gentil actriz. Em toda a linha jornalística os Jarcey tem apurado o mais finamente as suas pennas para lhe louvar as raras prendas do privilegiado talento.

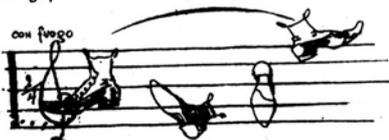
A admiração natural, levada pelo interesse de que a grande actriz não seja para nós tão avara em exhibir-se conscia da grande falta de boas actrizes, sobretudo no Theatro de D. Maria, no nosso primeiro theatro, exclama de todos os lados?

—Mas porque não está Lucinda Simões em D. Maria II?

As respostas, de cuja sinceridade não duvidamos, tem sido em geral asperas e pouco justas. Peço licença para responder á grande pergunta, pendente, sobre todos os criticos e ressaltante de todos os cavacos.

Porque não está a grande actriz em D. Maria? Por uma razão muito simples:—porque não quer. Nem mais nem menos. Estou amplamente convencido do que affirmo e peço licença para o dizer com toda a franqueza que me é natural.

Que theatro regeitará Lucinda Simões? Nenhum, muito menos o de D. Maria II. É uma actriz naturalista, deixem-me dizer realista, mas o fiscal Vasconcellos só tem opinião sobre as peças que tem esta pecha e não sobre as actrizes. Lucinda Simões é desejada assim ella tivesse a abnegação de ser nossa por uma vez.



S. Carlos.

Não vae em grande maré de rosas o nosso theatro lyrico. Até hoje o que ali tem chamado mais a attenção, e portanto a concorrência do publico, é o celebre tenor Aramburo.

Muito proposadamente sublinhamos o adjectivo. Lá que elle é celebre, isso não resta duvida; o pôer é que ainda não se descobriu em que. Por enquanto... só na azeira.

Já cantou tres operas, que foram tres fiascos a seguir.

O ultimo, e talvez o mais monumental, foi no *Rigoletto*, que elle cantou em substituição do distinctissimo tenor portuguez Antonio d'Andrade, que não quiz, e muito bem, continuar a ser alvo das mesquinhas intrigas e despeitos de certos *fazedores de opinião* da platéa de S. Carlos.

Annunciava-se que o *Rigoletto* seria a *revanche* de Aramburo, e afinal foi apenas a *revanche* de Antonio de Andrade, cujo correctissimo trabalho do domingo anterior, na mesma opera, foi recordado com saudade pelos que sabem apreciar o mérito artistico, sem paixões e sem rancores pessoases.

A platéa bem quiz vêr se se salvava do *terceiro lógro* applaudindo muito umas notas finaes da *ballata* do primeiro acto. Mas tambem,—*poiverina!*—teve que se contentar com isso, porque o homem não deu mais nada com geito. E' verdade que ella desforrou-se em gargalhadas quando elle cantou (?) o trecho *La donna é mobile* por uma fórma que ninguem chegou a perceber. Alguns espectadores, de espirito mais leve, ainda applaudiram a troça, a maioria, porém, é que entendeu que era benevolencia demais o aturar um maluco... por tão elevado preço. O tacão fez o resto.

Temos pois quatro operas cantadas e devidamente arrumadas... no archivo!

A' hora em que estamos escrevendo isto fala-se muito na *Africana*, como opera d' resistencia. Não nos parece, porém, que escape da *macaca* a que succumbiram as suas antecessoras.

Veremos e falaremos.



D. Maria.—Continua attrahindo a concorrência do publico o drama *Leonor Telles* do nosso directo: litterario Marcellino Mesquita.

Hoje é a 19.^a representação.



Annuncia-se que na *Trindade* haverá um esplendido espectáculo em que um individuo, cujo nome não me occorre, recitará um monologo em francez. O que nos espantava é que n'aquella Babel do guincho nacional fosse *monologar* em portuguez. Isso é que era novidade. Agora em francez... tambem depois d'isto e de *gato preto* coiza que alli se faça e que impressione só a escriptura do mudo de Alcantara para cantar *couplets*. Os meus ouvidos a rirem de contentes!



Gymnaste. — Patifa da Primavera. — É uma comedia engraçadissima, cheia de bons ditos, fresquissimos, e de situações ainda mais frescas. Traduzida por Gervasio Lobato e magnificamente representada por Taborda, Soler, M. Franco, Cardoso, Beatriz, Jesuina e Juliana.

Taborda n'uma *rabula* mostra-se-nos ainda o mesmo actor insigne, inexcedível de naturalidade e de graça.



Rua dos Condes. — N'este theatro não tem havido espectaculos dignos de menção, porém annuncia-se para breve tres novos *vaudeilles*. — *A Douctora*, *Beijo de Sataña* e *Filhos do capitão Grant*.

Colyseu. — E' a casa d'espectaculos mais populares da cidade, e por isso a mais concorrida. Succedem-se as novidades artisticas... e as enchentes.



BIBLIOGRAPHIA

QUADROS INTIMOS

Recebemos o pequeno volume de contos, com este titulo, original do sr. A. M. Costa d'Alcantara.

Falle por nós o auctor do livro.

Diz elle no prologo: — «Este livro, escripto a correr, menos do que uma obra, é uma simples tentativa, uma estreia sem pretensões ao titulo de auspiciosa, em fim umas vistas que vou fazer passar em humilde cosmograma perante os leitores.»

O auctor diz-nos que o seu livro é menos do que uma obra; (não comprehendemos bem) mas que é uma tentativa (logo uma tentativa é mais do que uma obra) e em fim que é umas vistas que elle vai fazer passar em humilde cosmograma (agora é que não percebemos nada) perante nós.

Em vista d'isto não seria necessario ler o livro. Folheámo-lo e o pouco que lemos corresponde ao prologo.

Quem não tem pretensões a escriptor, como o auctor diz, não escreve e muito menos a correr.

Mas termina o auctor: E' possivel que o meu cosmograma (que diabo será isto?) não agrade e tenha poucos visitantes, alguem ha-de dizer mesmo: — Louco, julgas acaso que existe na vida real um conjunto de chiméras de que se compõe a tua obra?

Respondo: São modestissimas as minhas aspirações, prefiro viver sonhando a acordar no positivismo da vida.

Ora é preciso notar que os contos que o auctor colleccionou no livro são baseados em factos os mais simples e vulgares da vida. E elle chama-lhe chiméras!

Que razão. E quanto a preferir viver sonhando, não seremos nós que lhe censuremos o gosto, se os sonhos forem bons.

Quando elles lhe derem para fazer contos, meu amigo, accorde.



Dois dramas. Com este titulo publicou o sr. Lino d'Assumpção duas produções theatraes da sua lavra, já representadas, uma no Brazil — os *Lazaros* — e outra em Lisboa, no theatro de D. Maria II — *Eva*.

Não tendo podido ler ainda a obra do sr. Lino d'Assumpção, como desejaríamos ter feito, reservamo-nos para dar no proximo numero uma noticia mais desenvolvida sobre o assu mpto.



Para que o serviço da distribuição em Lisboa seja feito com melhor regularidade, organisou-se um corpo de distribuidores effectivos, que entregarão o jornal em casa dos senhores assignantes no proprio dia em que é posto á venda.

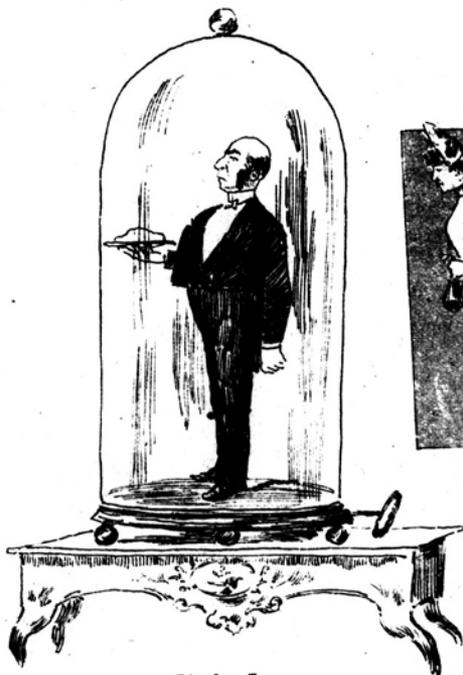
Esperamos que os srs. assignantes nos acouem qualquer irregularidade n'este serviço, para que possamos remedial-a de prompto.

Estando já concluidas as capas para o encadernamento do primeiro volume da *Comedia Portuguesa*, rogamos aos senhores assignantes, que as queiram adquirir, o favor de as requisitar com a maior brevidade possivel, acompanhando a requisição com um vale de 500 réis, que é o preço fixado para os assignantes de Lisboa e 550 réis para os da provincia. Preço avulso 600 réis para Lisboa e 650 réis para a provincia.

Requisições á administração da *Comedia Portuguesa*, rua Ivens, 41, 1.ª, Lisboa.

O GERENTE
Victor Lisboa

Annuncios e annunciantes



Criado

OFFERECER SE um para me-
sa. R. da Prata, 234. 4.º



Madame Vergnolles

PARTEIRA de 1.ª classe pela
escola de Bordeaux. Recebe clientes.
Rua Nova da Trindade, 66, 1.º



Costureira

PRECISA-SE uma perfeita
para casa de respeito, bom ordena-
do. C. das Paulistas, 71, 1.º



Atenção

UMA menina de 21 annos, che-
gada á pouco da provincia, deseja
uma casa de pessoas respeitaveis e
de pouca familia, não faz serviço or-
dinario, dá boas abonações. Quem
prochar dirija-se á rua Direita do
Campo de Cutias, 174.



D. PEDRO II IMPERADOR DO BRAZIL
Destronado em 15 de novembro de 1889



O facto que abalou profundamente a sociedade portuguesa na ultima semana foi sem duvida o da proclamação da Republica no Brazil.

Era coisa assente no animo de todos, e ainda no dos proprios republicanos brasileiros, que em attenção á ve-lhice do imperador e estado de saude do mesmo augusto senhor, em homenagem á maneira democratica com que elle comia maçãs pelas Vicencias da Europa e assistia de rabona e mala a tiracolo aos capêllos das Universidades, era pois coisa assente que se lhe não daria o desgosto de o apear do throno sob cujo doce he embranquecera a barba respeitavel.

Mas os homens põem e Deus dispõe e é assim que todas as boas vontades e attenções com que esperavam cercal-o até ao ultimo dos seus dias, se transformaram n'uma ordem de passeio até á Europa.

Particularmente como homem, causa-nos dó o imperador; politicamente, como temos ouvido lastimal o, achamos ridicula a lastima, porque perante a evolução social e as grandes leis geraes, o vulto d'um imperador tem tanta importancia como o nosso humilde vulto.

Não ha memoria na historia de coisa tão grande, feita com tanto socego e simplicidade. Tambem, seja dito de passagem, não ha exemplo d'um imperador d'esto feito, d'uma condescendencia e d'uma bouhomia cumulesca. Um general resolve revoltar-se; uns amigos aproveitam a ideia e vão dizer a outros amigos:

O general D. revolta-se, aproveitemos nós a revolta-sita para fazer mos a grande mudança do governo?

— Bem pensado seu Soares vamos fazer a republica. Se ha-de ser amanhã seja hoje. E o imperadôr?

Esse está por tudo, até por ser mestre de meninos.

Pois vá feito. Avisam-se as provincias d'hoje para amanhã e é negocio decidido.

O general D. revolta-se. Os amigos juntam-se. A mari-nha diz que sim, o exercito approva. Em quinze minutos estava tudo feito.

Já Vossa Imperial Magestade sabe da novidade, meu senhor?

— De qual?

— A de ha bocado?

— Não sei.



Está proclamada a Republica, revoltou-se o general D... com elle, marinha, exercito, pretos e mulatos, ca-poeiras e commendadores!

— Homem muito me conta você.

Isso é certo?

— Certissimo. E vossa Magestade o que vai fazer.

— Eu, ora essa, vou fazer as malas.

E assim foi, malas cheias, recebidos os ultimos pro-
testos de respeito, o imperador ahi vem para a Europa,
deixando um imperio colossal, com a mesma sem cere-
monia com que se deixam umas botas velhas n'um ho-
tel.



Este homem não tinha um amigo, um homem dedica-
do, um protegido, um credôr, em meio seculo de impe-
rar! Todos disseram que sim, até elle. Não houve um
grito contra, tudo apoiado.

E o Brazil é hoje a republica do Brazil, feita assim
com ares de castello fantastico em cosmorama de figuras
dissolventes.

Espantoso de licção para governantes.

Cosas da America; não estivesse o Brazil na America
e não se gabaria de tal.

Com que então, cidadãos brasileiros, a sorte grande,
a taluda?

Ora pois, parabens e para que vivam.



Associação de soccorros José Joaquim Peixinho

O nome do festejado toureiro foi escolhido, para baptisar uma associação de um fim agglutinativo de desprotegidos, assim á laia de campino que arrebanha gados na courella verde negra da lezíria ribatejana. Compreende-se que presidiu á escolha uma corrente de sympathia pelo notavel *diestro* e é assim que nós rejubilamos ao vêr que a arte taumachica entre nós começa a atirar o nome dos seus eleitos para as glorias do futuro, sem a eminença da cornada. Emquanto José Peixinho entra nos dominios da filantropia pregando o seu nome no atrie d'um templo de beneficencia (esta fraze é bonita), Tinoço, mais modesto, presta o busto e o nome á ornamentação oleographica dos massinhos do cigarro nacional, exhibição menos perigosa do que as do campo de Sant'Anna mas não menos popular.

Ora a respeito da associação Peixinho, muito louvavel no fundo, dizia um gracejador de café, ao ler o programma:

—Ora aqui está uma associação com futuro.

—Porque? perguntou de lado um bebericador de cerveja da pipa.

—Porque devem entrar para socios muitos 'hous'!

Actual



Um jornal do Porto diz solemnemente aos seus fideis que os srs. Antonio Ennes e Oliveira Martins, recusando-se a entrar para o ministerio é o melhor serviço que elles tem prestado á politica portugueza.

Isto traduzido em miudos quer dizer que o melhor serviço que um cidadão pôde prestar á *re publica* é não fazer absolutamente coisa nenhuma.

Razão teve o Sampaio da Revolução quando alguém lhe foi pedir uma venêra para certo fulanejo:

—Eille que fez?—perguntou o pansudo conselheiro da corôa.

—Que fez? Não fez coisa nenhuma!

—Pois ha alguém n'este paiz que, não tendo feito coisa nenhuma, esteja ainda sem uma commenda?!

Vae já lavar-se o decreto!

E o caso é que o homem apanhou a commenda.

Esperamos que o governo do senhor D. Carlos mande pregar duas gran-cruzes nos peitos d'aquelles dois be-
neméritos.



A Democracia Portugueza diz o seguinte:

MISCELLANEA

«Acha-se entre nós esta gentilissima compatriota e notavel cantora, que veiu repousar das fadigas...» etc. e tal.

Francamente não conhecemos esta gloria nacional, que no estrangeiro alcançou triumphos que metteu n'um chinello os louros de Saldanha e Capello e Ivens.

A empresa de S. Carlos poderia muito bem dar-nos, como *hors-d'oeuvre*, umas recitas extraordinarias em que figurasse a sr.^a *Miscellanea*, posto que esse theatro esteja mais bem servido de damas que de tenores; mas em summa ou bem que se é *Miscellanea* e notavel cantora portugueza, ou bem que se não é!



Os jornaes monarchicos que contam na sua redacção quem já teve *pasta* ministerial, accetam a nova ordem de coisas creada pela revolução do Brazil, mas vão sempre lembrando que os governos do Imperador, abstendo-se de mandar metralhar as manifestações republicanas da rua e dos clubs, por uma mal entendida *brandura de costumes*, prepararam a solução de 15 de novembro.

Já se vê que para os publicistas d'este *canapé da Europa*, como lhe chamava o sr. D. João VI de santa memoria, a força das coisas é nada e a vontade dos homens é tudo.

Isto é o menos. O peor é se esses publicistas um dia, no poder, arvoram a sua politica d'acção, entremostrada nos seus conselhos ao novo rei portuguez.

Não ha de faltar *peixe espada* em barda, podem cre-lo!



N'um dos seus ultimos numeros, a *Epoca*,—jornal que defende os interesses da agricultura portugueza,—consagra-se em artigo editorial a censurar o «atrazo profundamente deploravel com que se faz a publicação das sessões das côrtes...» etc. etc.

Fica a gente a scismar no bersabuth da relação que pode haver entre o atrazo da publicação dos disparates de S. Bento e a cultura do rábano, por exemplo.

O problema é assaz difficil; mas nós, que temos talento como seiscentos diabos, achámos a seguinte explicação:

As sessões publicadas em dia provam que no paiz ha alguém que cumpre com o seu dever; quem cumpre com o seu dever anda contente consigo mesmo; quem anda contente consigo mesmo traz no rosto a côr do rábano; quem traz no rosto a côr do rábano é porque comeu rábanos; para todos os lusitanos andarem contentinhos da sua vida é torçoso que comam rábanos; para se comarem rábanos é preciso plantal-os. Logo, o facto das sessões andarem publicadas em dia, traz como consequencia inadiavel a plantação dos rabanos!

Quod erat demonstrandum...

A COMEDIA PORTUGUEZA

A ANNUNCIACÃO



— Sabe V. Magestade Imperial que tem de me ceder o logar?
— Já sei, Já sei.



Theatro de S. Carlos. — Era na Africana que se fundaram as melhores esperanças da empresa de S. Carlos, mas a magnifica partitura de Meyerbeer não foi superior ás leis da fatalidade, que arrastaram

para o lybmo dos *fiascos* as suas antecessoras.

E depois deu-se um caso extraordinariamente comlico na exhibição d'aquella opera, no palco do nosso theatro lyrico. Parecia uma *blaque* tudo aquillo. Elle era o sr. Brogi a *figingir* de... tenor, o sr. M. notti a *figingir* de... grande barytono, a sr.^a Bulicloff a *figingir* de... *Setika*, o sr. Campanini a *figingir* de... maestro, os côros a *figingirem*... sfinação, e até as bailarinas eram a *figingir*... tanto na quantidade como na qualidade!

A sério tivemos apenas a sr.^a Corsi, no papel de Ignez, que ella cantou e interpretou magistralmente, e o baixo Ercolani, que é um artista consciencioso e habil.

Ora desde que uma opera só apresenta dignos de menção dois personagens, que não teem n'ella precisamente os papeis de protagonistas, não ha meio de a fazer sustentar em scena por mui.o tempo, a não ser pelos processos especiaes a que a empresa recorreu na primeira noite da *Africana*, — enchendo a sala de *claqueurs* de jaquetão e chapéu desabado — processo a que a auctoridade policial se dignou dispensar o seu apoio, descedo á platêa com areas de quem pretendia pôr cobro ás manifestações hostis dos que pateavam... porque pagaram!

Ajudadas pela *claque* e pela *policia* poderão tornar-se viaveis todas as operas que quizerem, embora só *finjam* que as cantam. Mas então façam isso em familia, e não incommodem o publico a lá ir perder o seu tempo e o seu dinheiro.

BARÃO DO ALTO MEARIM

Veja-se pag. 8

O benemerito a que hoje se presta homenagem n'este jornal, pertence a uma pleiade de homens de caracter puro, que andam lá fóra honrando o nome da patria, que outros cá dentro se entreteem a desprestigiar e a envilecer.

Energico e intelligente, com o espirito tão alto como a alma, a vida d'elle é todo um rosario d'exemplos de virtude civica e familiar, os mais altos, os mais impressivos, os mais cavalheirosos; e a sua biographia devera lavar-se em pedra, no friso d'um pantheon votado aos que praticam o bem, sem outra recompensa mais do que a esperanca de o verem desabrochar um dia, em opimos fructos de intelligencia, de justiça e de razão.

Não é felizmente raro, na população portugueza que vae ao longe fecundar a civilisação dos continentes virgens, este caso do philantropo forrando o trabalhador, e abrindo, nos proventos do trabalho incessante a que se entrega, largo quinhão para os desherdados e os inermes.

De longa data estes grandes senhores da beneficencia publica,—ultima expressão da democracia quintessenciada nos principios mais limpidos do evangelho—de longa data elles teem marcado nos annaes da nossa colonisação da America e d'Africa, para assim dizer marcos de posse, ao logar que na Europa teamos de paiz autonomo, indissolvelmente ligado a todas as conquistas da liberdade e da civilisação.

Na galeria dos benefiteires da humanidade, dos apostolos da instrucção, dos cruzados da luz, o nome do sr. barão do Alto Mearim surge como uma das mais bellas figuras que Portugal tem enviado a esse certamen d'espiritos nobilissimos: e fóra d'oyr do paiz aprender-lhe o nome, e

galardoal-o, fóra porem das distincções que é uso atar á cauda de todos os alquiladores e traficantes que ahi passem, cobertos de *cravahs*.

Para os que de mais perto gostam de precisar dados biographicos, ahi damos estes.

O barão do Alto Mearim, José João Martins do Pinho, nasceu em Mattosinhos, concelho de Bouças, a 17 de novembro de 1848; em 1862, terminada uma educação cuidadosa, especialmente desenvolvida na secção d'estudos commerciaes, sahio do Porto para o Rio de Janeiro, onde ao fim de pouco tempo poude associar-se a uma das mais importantes casas de negocio. Não volveram muitos annos, e eil-o alargando a uma enorme esphera os emprehendimentos e transacções de seu estabelecimento, dirigindo o *Banco de Credito Real do Brazil*, e fundando ultimamente o *Banco Constructor do Brazil*, capital oitenta mil contos de réis, com o conselheiro Francisco de Paula Mayrink, e o dr. João da Motta Machado.

Na sessão installadora da sociedade, que teve logar ainda ha tres mezes, no Rio de Janeiro, a assembléa de

capitalistas e homens de negocio que áquelle acto acorreu, votou unanime uma gratificação de seiscentos contos de réis, aos fundadores.

Elles acceitaram-n'a, é certo, mas para a doarem, por proposta do sr. barão, e consenso tacito de todos, em parcelas eguaes, á caridade e á instrucção.

D'esses seiscentos contos de réis, trescentos serviram para fundar um asylo de creanças, orphãs e pobres, e que em homenagem á princeza imperial se chamou, o *Asylo Isabel*.

«... esta é, senhores, disse o sr. Martins do Pinho, no seu discurso de refusa, na assembléa installadora do *Banco Constructor*, a parte destinada á caridade. A outra parte, será offerecida ao estabelecimento que tem derramado a instrucção por todas as classes e camadas sociais, sem distincção de nacionalidade, e que com tal auxilio poderá desenvolver se em maior esphera d'acção para que mais numerosos sejam os seus beneficios. Este estabelecimento é o *Lyceu Litterario Portuguez*.»

Do *Lyceu Litterario Portuguez* foi o barão do Alto Mearim um dos fundadores, em 1868, quando ainda simples empregado do commercio. Desde o primeiro dia em que vincula o seu nome a este sympathico instituto, nunca mais Martins do Pinho deixou de lhe consagrar o melhor dos seus esforços, sendo elle quem, com meia duzia mais de portuguezes conseguiu erguel-o á altura em que actualmente se póde admirar. Em 1881, elegeram-no presidente d'aquella sociedade d'instrucção, logar que nunca mais deixou d'exercer. O *Lyceu Litterario Portuguez*, tinha a sua installação primeira na rua da Carioca, n'um edificio apoucado e mal disposto para as exigencias intellectuaes e pedagogicas que a nova directoria mirava decretar n'um percurso vastissimo de reformas. Em 1883, como a fundação de cursos novos, a remodelação dos existentes, e a installação do *ensino profissional* nas tabellas d'ensino do *Lyceu*, demandavam fabrica de mais folego, onde podesse funcionar o numero pessoal de mestres e alumnos patrocinados pela philanthropica associação, foi adquirido por 150:000\$000 réis (medeante subscripção promovida entre a colonia) um edificio condigno e vastissimo, cuja fachada se vê na nossa estampa, e para onde se passou o *Lyceu Litterario Portuguez*, feitas que foram as obras indispensaveis á perfeita adaptação do palacio, em escola popular.

Em 1884, todas essas obras estavam terminadas; e entre outros melhoramentos, o *Lyceu* contava tres de grande monta, a saber: a inauguração d'uma aula de nautica, com a respectiva collecção d'apparelhos e cartas condizentes; a abertura d'uma bibliotheca e a installação d'um museu escolar.

O edificio onde actualmente funciona o *Lyceu Litterario Portuguez*, ergue-se na praça *Vinte e oito de setembro* do Rio de Janeiro, e tem como se vê, uma certa grandiosidade architectonica.

No primeiro patamar da escada ha uma lapide commemorativa da inauguração, e inscripções allusivas aos fins humanitarios da sociedade. Subindo a escada, topa-se á direita uma grande sala, cuja decoraçáo foi feita a expensas da baroneza de Wildik, em 1887, entáo consuleza—e de cujos muros pendem os retratos de D. Pedro V, e dos patriotas Silva Carvalho, Fernandes Thomas, Sá da Bandeira, Ferreira Borges e fr. Francisco de S. Luiz. A sala das assembléas é uma das mais vastas do Rio, e só tem rival na do *Cassino Fluminense*. Recebe ar por dez janellas. Tem o tecto pintado a fresco, e lustres de bronze e candelabras a ornamental-a. Toda a mobilia, muito artistica, foi offerecida pelo conde de S. Salvador de Mattosinhos, e das paredes pendem retratos de Passos Manoel, Mattosinhos, dr. Joáo Antonio Machado Reis, Santos Bandeira, conselheiro Victorio da Costa, etc.

Já em 1884, a frequencia d'alumnos ás disciplinas professadas na casa, era, segundo o relatório apresentado á assembléa geral, pelo sr. Martins do Pinho, de 1:504,—962 dos quaes brasileiros, 491 portuguezes, e estrangeiros o resto. O fundo social era de trezentos e tantos contos de réis. Em cinco annos, o movimento do *Lyceu Litterario Portuguez* quasi dobrou, e a estatística de 1888 dá-nos a cifra de 2:000 alumnos examinados, dos quaes algumas centenas obtiveram premios e medalhas de grande valor.

Seja qual fór o seu destino político, a vertiginosidade do seu desenvolvimento, o progresso cultural da sua intelligência, o seu predomínio social emfim, não esqueçamos jamais que é no Brazil que Portugal tem o seu irmão legitimo, e que hoje mais do que nunca lhe cumpre ligar á si indissolovelmente, essa grande creança temeraria, que falla a nossa lingua, e reproduz na indole e na alma, sob uma forma tímida por emquanto, aquillo que nós fomos n'um seculo que infelizmente vae longe, e já não volta!

FIALHO D'ALMEIDA.

BIBLIOGRAPHIA

Accuzamos a recepção do segundo volume dos *Gatos*, publicação de critica de Fialho de Almeida.

E' quanto a nós superior ao primeiro este segundo volume. Superior em todos os sentidos; pela diversidade dos assumptos, pela excellencia da analyse, pela opulencia da forma. Traz, sobre todos, dois artigos notaveis: o que diz respeito ao violoncelista Sergio, e aquelle em que o auctor descreve a vinda para Lisboa do cadaver do rei D. Luiz. Intercalla-se nos capitulos, em que a descripção é feita com uma minuciosidade captivante, cheia de vigorosas tintas, a espaços, uma forte camada de humorismo. Ha em todo o volume uma grande riqueza de observação, uma frequencia de pontos de vista novos, verdadeiramente curiosos e notaveis.

Fialho d'Almeida revela se mais uma vez o brilhante escriptor que todos nós applaudimos.

Recommendamos sinceramente o volume.

Dois dramas de Lino d'Assumpção.

Os *Lazaros* e *Eva* são os titulos de dois dramas que constituem o volume que Lino d'Assumpção tem a amabilidade de nos offerrecer. O primeiro é um drama de combate feito em resposta á celebre prohibição da representação, no Brazil, dos *Lazaristas* de Antonio Ennes. Tem todos os defeitos e todas as bellezas dos dramas de combate.

A *Eva*, que mais nos interessa por ter sido representada em D. Maria II, é um drama moderno, escripto com verdadeira facilidade e recommendavel sobretudo nos tres primeiros actos, pela naturalidade despretenhiosa do dialogo, como pela verdade das situações habilmente encontradas. O drama é feito a meias tintas, simples e brandamente dadas e os personagens participam d'esta qualidade, quero dizer, não tem um relevo auzas o que no palco prejudica em extremo a figura, porque o não faz impôr-se ao espectador sempre porpenso á impressáo nítida e forte e o deixa na indolencia d'um agrado manso, sem a explosáo que salva e consagra a peça.

De resto um valioso trabalho a que estava destinado um melhor futuro, se vae juizo sobre as producções theatraes o publico não fará o que ha de mais inexplicavel e caprichoso.

VISCONDE DO ALTO MEARIM



Fachada do edificio do Lyceo Literario Portuguez ao Rio de Janeiro



A primeira vez que passei em Lisboa o dia 25 de novembro, acabava de almoçar quando fui para a janella fumar o meu cigarro. Não era indiferente a este pousar de balcão, cigarreando (como di ia Alves Mendes) a existencia d'uma adoravel visinha que me inspirava os sonetos d'esse tempo e que eu entrevia por detraz das cortinas da janella fronteira.

Era nos olhos d'essa visinha de todo o estudante que eu procurava forças para me agarrar á chimica e me libertava da tentação de emigrar da Polytechnica ante o

rosto malicioso do dr. Lourenço, um extraordinario chimico, um sabio veneravel é certo, mas feio como todos os demonios e falando n'uma algaravia que vinha reforçando-se desde as origens sãoskriticas até aos radicaes allemães, enfarrapando-se no indio, no portuguez e no frances.

Era um dialecto estranho, babelico, incomprehenivel nos primeiros dias, mas cheio d'uma suavidade, quando comprehendido, de enlevar a nossa alma pelos dominios infinitos dos hydrocarburetos.

Um collega no segundo dia do curso, ao perguntar-lhe: que tal o professor? respondia com Camões:

—Arripiam-se as carnes e o cabelo.

A mim e a todos só de ouvil-o e vél-o—

Um bom homem, o doutor.

Mas, como ia dizendo, estava eu na minha janella cigarreando quando comecei a notar que toda a gente me olhava com uma insistencia desmedida.

Primeiro, um homem grave que passava lentamente; depois, duas damas que gesticulavam com furia; após um rancho heterogeneo, uma familia em digressão, depois um outro grupo... e todos pararam a olhar-me, fallando, commentando. Que demonio tenho eu hoje? dizia eu para mim. E olhei-me todo; fui ao espelho para me convencer que não estava de barrete de dormir, mirei as pernas para me certificar de que me não tinha esquecido de vestir as calças e não encontrando em mim nada de extraordinario, já intrigado com a inspecção recorri ao extremo de perguntar á dona da caza a explicação do estranho fenomeno.

A boa senhora veio á janella comigo e explicou: Não é para o senhor que olham, é para os escriptos do 3.º andar.

Assim eu fiquei conhecendo um dos costumes mais curiosos e mais caracteristicos de Lisboa—o de procurar casa.

Mas este habito dá entre nós a característica da nossa existencia domestica, a variabilidade.

Ao canto da sua casa velha e arruinada, da casa onde lhe nasceu um filho ou lhe morreram os pais, um homem do norte, viverá e morrerá incapaz de abandonar ao capricho da imaginação ou da phantasia, esse pequeno mundo, limitado, cheio de recordações boas ou más.

O portuguez varia sempre. Se n'uma casa lhe morre um filho é para elle a maior razão da sahida, quando devia ser o primeiro argumento da estabilidade.

E como é na casa é na moral, na consciencia, na crença, na politica, na arte e no refogado.

Anda á ver por toda a parte escriptos: no partido opposto, em tal lugar, n'este negocio, n'aquelle syndicato, na meza d'um rico, no espolio do pobre.

A phantasia do momento é tudo. Por isso anda de cabeça no ar, á procura á procura...

Mas o senhor é amanuense... mas quero ser litterato; V. S.º é medico... mas quero ser deputado; mas V. S.º é padre mas quero ser toureiro! Ninguém está no seu lugar; todos olham para cima sem verem onde põem os pés ou sem se importarem com o pizo. E' natural concluir que o trambulhão é certo e que o nariz não deve sahir pouco acariciado na queda.

Mudar de ar, mudar de casa, mudar de habitos, mudar de estado, parece ser a preoccupação constante de nós todos; apenas nos não occorre a unica mudança razoavel, proveitosa e séria—mudar de vida!

M.



Os bancos do Porto agarraram-se ás abas das casacas do governo pedindo uns milhares de contos de réis para salvarem os interesses dos seus accionistas e os proprios interesses de toda a praça da invicta cidade.

O governo deu tudo, deu mais do que os bancos pediam, porque passa como moeda corrente que ao Porto não se deve negar nunca o que elle pedir por bocca.

Esses mesmos bancos do Porto, que se apresentavam diante do governo n'uma nudez franciscana de provocar rios de lagrimas, emprestaram agora trez mil e tantos contos de réis á provincia de Minas Geraes, a juro de 5 p. c., amortisação de 1 p. c., no prazo de 37 annos.

Este caso faz-nos lembrar certos pobresinhos, que passam a vida a pedir esmola de porta em porta, e por detraz da cortina emprestam dinheiro a juros por uma pá velha.

Com uma differença: é que os bancos do Porto dis pensaram a cortina e fizeram o seu cambalacho muito ás claras!

Está muito adeantada a poesia positivista d'este ultimo quartel do seculo XIX, a julgar pelo seguinte verso de um soeeto, publicado ha dias pelo *Elvense*:

*—Pela agulina esphera oxigenada—
etc., etc., etc., etc.,*

Este poeta deve ser por força quartanista de pharmacia na Universidade de Coimbra!



Arrancamos ao *Mirandense* dois trechos d'um folhetim que tem por titulo: *Influencia da mulher sobre a educaçao moral*. Teriamos vontade de o transcrever todo. Não para as mulheres lèrem; Deus as livre, mas para os homens rirem.

Leiam:

A mulher, que a cada passo encontra um Raphael, que a ephemeros traços d'amor lhe tece o seu busto, engrinaldando-o com as mais fulgurantes virtudes, com as mais idealissimas rosas primaveraes, que ao mais leve sopro da monção estiolam, deixando após o pollen da vaidade e do vicio; que encontra um Rebelais, que excita as suas paixões, emfim todo esse systema, que lhe caracteriza o seu viver, não, esta mulher, não pode apparecer innocente, de coração immaculado ao esposo, para a communhão no augusto altar da boa philosophia, que lhe manda consummar, cogominando-a docemente—Mãe. *Si amitti vita beata potest, beata esse non potest*: se a felicidade pode perder-se, não é verdadeira felicidade. Se o amor não tem por fim a communhão conjugal (mas desinteressada), não é verdadeiro amor. (*Excipiamur-se os casos anormaes pela natureza dos sexes*).

O pollen do vicio que o sópro da monção arrasta e a communhão no sitar da philosophia, o fim do amor—a communhão conjugal desinteressada—levam-nos a suppôr que a caveira do pedagogo Emilio se não é um buraco onde passam os ventos do disparate é uma «mayonaise» onde apodresce a azeitona da critica, o ovo do criterio, a salada do bom senso, a beterraba da leitura e o molho amarelado dos conhecimentos chòchos.

Raio de pedagogo!

E termina, apocalypatico e esdruxulo:

—Mulheres! mulheres! despertai d'esse sonho letargico, emvidas os mais estremos esforços, redobrai de valor e constancia, pugnai pela bandeira moralista, alistae no exercito da educaçao os vossos filhos, fazei entrar-os n'essas luotae gigantescas atada que tenaes, e através da bruma do tempo mostrai-lhe o baluarte aonde devem implantar aos sons estridentes da virtude e da honra o emblema sagrado que suavia a sua humildade, a sua disciplina, a sua gloria, o seu triumpho, a sua civilisaçao, o que abate inevitavelmente a soberba, a anarchia, a ignorancia, a—bandeira da moralidade.

Depois d'isto queixam se de que as mulheres entre nós não influem na educaçao moral dos infantes! Pois não é por falta de philosophos; ahí está o Emilio, profetico e patusco... pois quem o entender que o leia!



A *Esquerda Dynastica* (papel) diz n'um dos seus sonoros, pentafucados, mirabolantes e bombasticos artigos editoriaes, que chegou a hora das energias e dos apertos, e que é preciso activar a obra.

Isto, de certo, é uma parodia ao celebre esforço pedido ao ventre do pai, pelo sr. O. M.

Tapem o nariz, meus senhores!

Supplemento ao Diario do Governo.

Havendo a Divina Providencia felicitado estes reinos com o nascimento de um perfeito Infante, que Sua Magestade a Rainha deu á luz com feliz successo, ás cinco horas e tres quartos da manhã de hoje, no paço de Belem: determina Sua Magestade El-Rei:

Que durante tres dias, a contar de hoje, se façam repiques de sinos na corte e cidade de Lisboa, dando-se as salvas do estylo nas torres e fortalezas, sendo permitido luminarias e quaesquer outras demonstrações de publico regosijo.

Não se comprehende bem como é que sendo Sua Magestade a Rainha que deu á luz o perfeito infante seja a Divina Providencia quem deva merecer os emboras por nos felicitar, (tornar felizes)!

De resto parece-nos que Sua Magestade El Rei passa pôr esta declaraçao para um logar muito secundario e o que é ainda mais grave é que o governo de Sua Magestade ousa introduzir na anatomia humana, nomes tão pouco proprios que ferindo a tecnologia scientifica com sagrada, não poupam, o que é peor, o respeito que merecem ou devem merecer, n'um paiz catholico, as coisas superiores, as coisas santas!

Quanto á graciosa permissao das manifestações de regosijo nada diremos senão em louvor. Foi assim, e por isso mesmo decerto, que ás 3 horas da noite d'esse dia um solidó passava ao longo da Avenida enchendo as auras de uns sons festivos d'uma alegria apoplectica!

Ha governos que vivem para vergonha dos almunacks vitent: a supina semsaboria dos ultimos.



Alguns jornaes portuguezes aconselham como remedio profilativo para a sustentacao da monarchia, entre nós, a repressao da liberdade de que gozamos. Um republicano não pediria melhor.

Toda a gente sabe que não ha para angariar sympathias como um pouco de despotismo assim em ar de apertivo. Francamente, a imprensa monarchica governamental desnortheou, com rras excepções.

Sabemos que sois monarchicos do coração, ricos filhos, e el-rei hade levar em conta a vossa dedicaçao!

Isto de servir a dois senhores tem seus espinhos: lá o diz a escriptura. Quando mais não seja obriga-nos a ser tolos, á força. E' triste.



O reverendo bispo de Beja vai crear no seminario, aulas de hygiens e de agricultura.

Louvamos a idea de sua reverendissima.

A vida do padre portuguez é um cumulo de mandricas. Nas horas vagas, que são quasi todas, aos bispos compete regular agora o trabalho dos presbyteros — charrua com elles.

O SENHORIO



— Então como passou?
 — Bem, e a senhora?
 — Menos mal.
 — Aqui está o recibo, e olhe que para o semestre que vem, aumento-lhe a renda.
 — Seja pelo amor de Deus!...



— Como está V. Ex.ª?
 — Bem obrigada. Venho satisfazer...
 — Queira V. Ex.ª sentar-se, não era preciso. Deseja o recibo, sim?



— Viva D. José!
 — Olá! Pepita, sempre bella, que guapa!
 — Acha! Aqui está o dinheiro.
 — Minha linda, dá cá.
 (Fazendo dar-lhe um beijo).
 — Quietinho! abaixo o loque! Isso não entra na escriptura.
 — Mas faz um acto adicional.
 — Pagando. Adios cochino.
 (Sae).
 — Eh! Eh! Eh! Mulheres... mulheres...



— E' melhor trazer tudo em cobra.
 — Não tinha outro dinheiro, meu senhor.
 — Bom, bom. Eu lá irei vêr o estado da casa. Isto de inquilinos e m. creanças.
 — Os pequenos são socegados...
 — Sim, sim, adeus...

Alvaro Martins

A FESTA DO MELO No

Theatro da Rua dos

CONOZES



BRANCO

ANAFIA DO BRANCO

BRANCO

Ilustração de [Signature]

Tradução de Gervásio Lobato



Um sujeito que no Porto *raptou* uma actrizinha muito gaista, teve de prestar uma fiança de duzentos mil réis no tribunal competente.

A pequena declarou que tinha sahido muito da sua vontade do ninho materno para os braços do seu roubador.

Pois nera por isso deixou esse guloso de pagar duzentos mil réis!

Por uma só mulher... tanto dinheiro! Não de confessar que... é caro!



Noticia a *Provincia*, com o titulo de operações chirurgicas: F. Rosa; 24 annos, solteira, jornalista, natural do Porto que no dia 5 do corrente soffreu a extirpação d'um *epitelioma papillomatoso vejetante do pirineo*

Que coisas extraordinarias se fazem na Escola Medica do Porto.

Diz mais que operou o dr. Oliveira.

Se fosse em Lisboa estava explicado o caso: era operação do Oliveira das magicas!



A colonia brasileira tem festejado, entre nós, com uns copos de champagne bebidos com guarnecimento de discursos, a deposição do imperador D. Pedro II.

Pouco patrioticos, afinal, os senhores brasileiros. Para festejar um cachaço d'esta ordem elles tinham o licor por excellencia, o licor nacional, a cachaça.

A' cachaça, senhores, á cachaça!



O director typographico do *Reporter*, dizem as folhas, realisou no domingo uma conferencia sobre o thema do *que viu em Paris*.

Corremos ás *Artes Graphicas* para escutar o que elle nos diria sobre o *baile Bullier e Montanhas russas*, e lambermos os beiços com as recordações do *que ali vimos* ainda não ha muito tempo; mas afinal sae-nos um discurso sobre o fabrico do papel e geringonças typographicas!

Uns monstros de virtude conjugal, estes commissonados de uma camara que geme sob o peso de um frontão epigrammatico!

Não vêem nada de geito



—Vais tão depressa, Jayme?
E' coisa de cuidado?
—Deixa-me! estou damnado...
A tua mulher trae-me!...

JOÃO DE DEUS.



W. H. H. H. H.

Definições

Sciencia—Jornal de modas em que as theorias são os figurinos.

Realismo—Palavra tola, a que corresponde uma idéa indecente.

Jejum—Viagem para o ceo com o estomago em lastro.

Deputado—O meio termo entre a insignificancia do trombone de filarmónica e a paspalhice réles de pedreiro livre.

Povo—Bucéfalo que quasi sempre não passa de rocinnante.

Cruz—Uma cousa que se poz ás costas de Christo, e que se põe ao peito de muitos larapios.

Felicidade—A sombra de um anjo a apontar-nos para a sombra de um paraíso.

Cardo—Planta de folhas espinhosas, que os burros hão de cantar, para vergonha dos poetas lyricos.

Diccionario—Apontado de palavras, muitas vezes antes de ir á lavadeira.

Patriota—Homem que leva o pendão da patria, com guias, mas sem borlas.

Suspiro—Entre namoradõs é o ultimo tiro de soccorro.

Receita—Confiscação de bens, quando não é sentença de morte.

Homem—Um engeitado do macaco, de que Darwin se fez padrinho.

Riso—Attributo exclusivo do homem, que consiste em mostrar os dentes, como os animaes quando mordem.

CALIBAN.



S. Carlos

Depois de varios episodios, mais ou menos comicos, e de bem mal justificados addiamentos, cantou-se finalmente em S. Carlos o *Roberto o Diabo* na noite de antehontem. Mas que *diabo* de *Roberto* o que lá ouvimos... e vimos! Que cantores. que scenario, que guarda-roupa, que massas coraes, que figurantes e que bailarinas! Uma *degringolade* completa a que não escapou a partitura, que foi toda trucidada; uma vergonha para o theatro lyrico portuguez!

O tenor Ortisi vem'peor do que ha seis annos, quando aqui esteve pela primeira vez. A sua voz é tão desagrelavel como a sua figura. E' um cantor que só se recommenda pelos seus *tacões*, (sem malicia), que elle vae augmentando na proporção em que lhe vae diminuindo a *voz*.

A sr.^a Cisterna que debutou n'esta opera. é apenas um *poço* quasi secco.

A sr.^a Bulicioff deu nos uma *Alice* d'agua mórna, apesar da sua fria origem, ou talvez por isso mesmo.

Só o sr. Ercolani exhibiu um *Bertram* primoroso e digno de todo o elogio. E já não é pouco no meio de tanta coisa má.



Pedimos a todos os srs. assignantes que nos accusarem qualquer falta dos nossos distribuidores a fim de providenciarmos convenientemente.

Estando já concluidas as copas para o encadernamento do primeiro volume da *Comedia Portugueza*, rogamos aos senhores assignantes, que as queiram adquirir, o favor de as requisitar com a maior brevidade possivel, acompanhando a requisição com um vale de 500 réis, que é o preço fixado para os assignantes de Lisboa e 550 réis para os da provincia. Preço avulso 600 reis, para Lisboa e 650 réis para a provincia.

Requisições á administração da *Comedia Portugueza*, rua IVENS, 41, 1.^a, Lisboa.

O GERENTE
Victor Lisboa

